

UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA COLEÇÃO NOVAS PALAVRAS 1º ANO DO ENSINO MÉDIO, 2018

Ana Alice Henrique de Brito*

FERNANDES, M. G. N. L.**

Orientador: Marco Antônio Lima do Bonfim***

RESUMO: A sociolinguística é a área que estuda a língua como questão social. Seus estudos têm ganhado cada vez mais atenção por tratar das qualidades de ensino de línguas nas escolas. Através de pesquisa qualitativa e bibliográfica sobre estudos da relação língua e sociedade, decorrentes da disciplina de Sociolinguística, como Bagno (1999-2013), e Labov (2000), durante a graduação em Licenciatura em Letras, este artigo tem o objetivo de analisar as novas propostas do Programa Nacional do Livro Didático 2018, baseando-se numa visão sociolinguística. Com os resultados obtidos foi notório perceber que os tratamentos das variações linguísticas ainda são trabalhados de maneiras inadequadas, no livro didático. Concluimos que, de acordo com os autores, a análise que direciona a escolha dos livros didáticos, feita pelo PNLD, apesar de avanços notórios, ainda precisa ter um olhar mais crítico ao tratar do ensino de línguas nas escolas.

Palavras-chave: Sociolinguística; Livro didático; Preconceito linguístico; Variação linguística.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a teoria sociolinguística de Labov (2000), a língua é um fato social e nela são refletidas as diversidades geográficas, culturais, de gêneros, idades e de classes presentes em uma sociedade. A partir daí Labov construiu seus estudos sociolinguísticos, afim de entender o quanto essas diversidades influenciavam na língua dos seus falantes, vendo que estudar a língua separadamente do indivíduo é impossível (MONTEIRO 2000).

Os estudos das variações linguísticas, apesar de muito debatido nessa área, ainda causam muitas polêmicas entre os linguistas e os gramáticos. Os conceitos e as formas de

* Graduanda em Letras Habilitação Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: anaalicehb@gmail.com

** Graduanda em Letras Habilitação Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: mhay.ifb@gmail.com

*** Professor de Linguística no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Professor Colaborador do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da FECLESC/UECE
Doutor em Linguística Aplicada (UECE). E-mail: marcoamando@yahoo.com.br

tratamento nas propostas de ensino, dentro do ensino de língua portuguesa, não têm sido da maneira que se espera.

Neste estudo, o que será avaliado é a presença dessas variações no livro didático que está para ser aprovado pelo PNLD, para o ano de 2018, em que, será analisado, especificamente, o tratamento da variação estilística, de acordo com Bagno (2013). Sabendo que os estudos das variações linguísticas, até então, ainda não foram trabalhadas de forma adequada nos livros didáticos, nos sentimos instigadas a iniciar esta pesquisa em torno desse tema ainda tão debatido e tão necessário.

O manual ou recurso de ensino do professor de ensino básico é escolhido pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), promovido pelo Ministério da Educação (MEC), programa que existe desde 1929, e que apresentou modificações dos formatos anteriores, com a criação do Decreto-Lei no 91.542, de 1985, em que foi questionado a qualidade dos livros adquiridos e as condições políticas e operacionais do conjunto de processos que envolviam a escolha desses livros. A avaliação do livro didático teve início em 1996, organizada pela Secretaria de Educação Básica. A seleção para a escolha do mesmo é fruto de uma avaliação de critérios pedagógicos e metodológicos, realizada por equipes de especialistas de cada área do conhecimento (MEC).

No portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), encontram-se guias digitais dos livros didáticos PNLD 2018 do Ensino Médio, direcionados especialmente para professores que utilizarão desse recurso. No guia PNLD 2018, de língua portuguesa, encontra-se orientações de critérios necessários para a avaliação do livro, assim como uma análise reflexiva sobre o contexto atual da educação básica. Mais à frente será posto neste trabalho a análise feita para a escolha desse novo livro que está para ser aprovado e que é objeto principal do nosso estudo.

Sabendo que os estudo das variações linguísticas, até então, nunca estiverem presentes nos livros didáticos, nos sentimos instigadas a iniciar esta pesquisa em torno desse tema ainda tão debatido e tão necessário.

Temos como objetivo de analisar as mudanças no livro didático da *Coleção Novas Propostas*, do 1º ano do Ensino Médio, propostas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para 2018, as possíveis mudanças que decorrerão desse novo recurso/manual de ensino, e como essa nova proposta irá colaborar com o rompimento do preconceito linguístico.

Pretende-se aqui mostrar a importância do reconhecimento das variações linguísticas no ensino escolar, assim como, baseado nos autores que fundamentaram esta pesquisa,

identificar a presença de termos ou conceitos que consideramos inadequados ao se tratar de variações linguísticas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sociolinguística e variação linguística

Sociolinguística é a área que estuda a língua como questão social. Mais especificamente ela estuda a influência da linguagem na sociedade, tendo como objeto a língua em uso. Esse ramo analisa, juntamente com sociólogos da linguagem, como os fatores sociais refletem na língua. Em uma visão sociolinguística, as diversidades existentes em uma sociedade refletem diretamente na diversidade linguística dos indivíduos, são as chamadas variações linguísticas - iremos falar sobre elas mais à frente.

Vale salientar que o termo *Sociolinguística* é recente, foi cunhado na década de 50, para referir-se às ideias conjuntas entre sociólogos e linguistas (MONTEIRO 2000), e, por alguns anos, foi um termo usado com relutância, pelos linguistas. Para Labov (1972), o termo dava a entender que poderia existir uma prática linguística que não fosse social, já que ele considera a língua um fato social e que é impossível estudá-la separadamente, fora do seu contexto.

O conceito de variação linguística é definido na obra *Para compreender Labov* como um requisito ou condição do próprio sistema linguístico (MONTEIRO, 2000):

os modelos teóricos que fazem abstração da variação entendem que ela é apenas um acidente e não uma característica essencial das línguas [...]. Contra essa posição homogeneizadora ingeriu-se a sociolinguística, tentando provar a premissa oposta, ou seja, de que a variação linguística é essencial à própria natureza.

Em outras palavras, as variações existentes na língua não são meros reflexos acidentais que derivam de uma sociedade desigual, afirmar isso é restringir o conceito de tais variações e ser contundente com o pensamento errôneo de que variações linguísticas são sinônimas de variantes estigmatizadas, ou pior, como sinônimos de “erros” linguísticos. Dentro do seu conceito encontramos também diferentes classificações, advindas dos estudos feitos por linguistas ao analisar de que decorrem as variações.

São chamadas de variantes linguísticas o determinante de uma variável linguística dentro de um contexto social, variável essa que se refere as diversas formas de se dizer a

mesma coisa em diferentes contextos (LABOV, 1972). Dentre as variantes mais estudadas podemos destacar as variantes de prestígio e as variantes estigmatizadas, na qual uma diz respeito ao prestígio social dos falantes, também usada equivocadamente como sinônimo de “língua culta”, e a outra diz respeito a língua utilizada pelos falantes estigmatizados de uma sociedade, falantes que, em sua maioria, não tiveram acesso ao estudo da gramática normativa ensinada nas escolas, fazendo-os acreditar que falam de forma “errada” estando a mercê da discriminação e do preconceito linguístico.

Essas definições são importantes para introduzir este trabalho, pois iremos analisar a presença desses conceitos no novo livro didático da *Coleção novas palavras*, referente ao 1º ano do Ensino Médio, assim como a apresentação de um posicionamento crítico, baseando-se diretamente no livro *Sete erros aos quatro ventos*, de Marcos Bagno.

2.2 Sete erros aos quatro ventos: a desconsideração da variação estilística no PNLD 2018

No livro de Bagno, *Sete erros aos quatro ventos*, o autor avalia a variação linguística em 24 (vinte e quatro), coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa que foram aprovados pelo PNLD 2008. Ao apontar os principais erros cometidos na coleção, verificamos que 10 anos depois, ainda podemos apontar a repetição desses erros. Será analisado, aqui, o erro de nº 2, que se trata da ‘Desconsideração da variação estilística’.

O fenômeno da variação linguística nos livros escolares vem sendo discutido há algum tempo, visto que não se apresenta de forma contextualizada dentro dos livros de português. Apesar das melhorias, ainda podemos notar que se faz muito presente o preconceito linguístico, em que se trabalha de forma equivocada a variação linguística. O que podemos observar é que mesmo o LD servindo de conhecimento aos seus leitores, sobre os principais erros que são cometidos quanto ao preconceito linguístico, dentro do próprio livro é determinado o tratamento da linguagem formal como sinônimo de norma culta, e ignorando as diversidades presentes na língua portuguesa brasileira.

É pertinente observar o local onde se é produzida a maior parte dos livros didáticos, visto que uma região e um padrão de avaliação não se enquadram com todas as regiões do Brasil. Bagno (2007) vai dizer que se o livro é de outra região em que a forma de falar é diferente, o aluno irá internalizar que está falando como errado ou feio. Bagno (2007), diz que há um equívoco por parte daqueles que fazem os livros didáticos. Para ele, há uma tendência em tratar as variações linguísticas como característica somente da zona rural, em meio às

pessoas menos escolarizadas. Ainda se faz parecer um desafio trabalhar com toda a variedade linguística, sem que seja cometido preconceito. Antunes (2007, p. 99), nos mostra que “não basta somente se fazer entendido, é preciso antes de tudo e mais do que tudo saber adequar a língua à situação na qual se está inserido”.

Uma educação linguística que ofereça estratégias para um tratamento da variação linguística que não se limite a fenômenos de prosódia (“sotaque”) ou de léxico (“aipim”, “mandioca”, “macaxeira”), mas que evidencie o fato de que a língua apresenta variação em todos os seus níveis, e que essa variação da língua está indissolivelmente associada à variação social (BAGNO, 2005).

3 METODOLOGIA

Por meio de pesquisa qualitativa e bibliográfica, utilizamos o livro didático como objeto de estudo, assim como artigos que tratam do tema variação linguística, ensino de língua nas escolas e guias digitais do PNLD, dispostos pelo site do MEC, que foram construindo o *corpus* da pesquisa. Ao longo de todo processo de análise, mantemos um raciocínio ligado à fundamentação teórica adquirida em sala de aula, durante as aulas ministradas.

4 ANALISE DE DADOS

Começaremos apresentando brevemente a análise feita pelo PNLD para a escolha do livro didático em questão:

Ao terminar o Ensino Médio, o estudante deve reunir condições plenas para efetiva participação social, seja no âmbito político, no econômico e no cultural. Significa também que o ensino de Língua Portuguesa não deve ocorrer dissociado da vida; mas, ao contrário, substancialmente voltado para ela. Nessa perspectiva, a apropriação da língua escrita e oral em suas construções e usos mais formais é meta essencialmente necessária. (PNLD 2018, 2017, p. 9)

O objetivo do PNLD para 2018, direciona os conteúdos que serão abordados no recurso de ensino do docente, sendo este acima um objetivo que visa formar o aluno, através de práticas lingüísticas, um indivíduo social, com conhecimentos lingüísticos que possibilitam e

capacitam o aluno a comunicar-se em qualquer âmbito social que se encontre. A análise linguística presente nesse novo Livro Didático aborda questões de variedades linguísticas, para que se alcance tal objetivo definido pelo Programa Nacional, em que possibilitará o aluno a adquirir um uso mais consciente das formas da língua, em diversos contextos. No entanto, para tratar das variações linguísticas, é necessário a abordagem de fatores sociais que influenciam diretamente na língua, assim como questões sobre a padronização da linguagem, ou seja, língua-padrão (PNLD 2018, 2017).

É preciso, então, não só adensar o processo de apropriação de capacidades de leitura e escrita, especialmente as mais sofisticadas, por parte dos estudantes do Ensino Médio, como também, e sobretudo, transformar as práticas de letramento escolar, aproximando-as dos usos sociais da linguagem (PNLD 2018, 2017, p. 10).

É importante lembrar que essa reflexão sobre um novo olhar para o ensino escolar seja repassada de forma clara para não haver confusão. Ao tratar de variedades linguísticas, muitas vezes pela falta de conhecimento sobre elas, a sociedade, e até mesmo alguns gramáticos, costumam achar que a proposta de ensino é não ensinar mais a gramática normativa. Vamos aqui falar um pouco sobre essa proposta, falando um pouco de gramática.

A gramática normativa é aquela que aprendemos durante nosso ensino básico e é caracterizada por ser um livro de normas e nomenclaturas. É aquela que nos será cobrada em concursos e na academia, na linguagem científica, e por esse motivo ela não deixará de ser ensinada nas escolas, a questão que os linguistas e os gramáticos levantam é o método desse ensino ser repassado.

A gramática internalizada vem mostrar que essas regras gramaticais de funcionamento da língua são naturalmente assimiladas, na prática, pelos seus falantes. A partir desse ensino das gramáticas o Livro inicia sua introdução sobre as variedades linguísticas, mostrando que foi a partir da variedade mais prestigiada que se estabeleceu a norma-padrão da gramática normativa.

Aprofundando a análise do método que o livro utiliza para explicar as variedades linguísticas, observamos que ele as divide em *variedades formais*, tratadas como sinônimas de norma-padrão, e *variedades informais*, sendo essas subdivididas em não-padrão, coloquial ou coloquial popular.

As caracterizações que o LD traz desses dois tipos de variedades são as seguintes:

A variedade culta formal tem emprego em situações muito específicas e é usada principalmente na escrita. Os documentos oficiais (leis, sentenças, judiciais etc.), os

relatórios e os livros científicos, os contratos empresariais, os editoriais de jornais, os discursos em determinadas situações sociais e as solicitações de emprego são exemplos de textos em que essa variedade é usualmente empregada (AMARAL [orgs], 2016, p. 136).

Enquanto a variedade formal é caracterizada pela influência do prestígio social que ela causa em certas ocasiões, a variedade informal, por outro lado, é caracterizada pela despreocupação dos falantes com as regras da gramática normativa.

Partimos da hipótese de que o livro didático em estudo desconsidera a variação estilística, fazendo com que a noção de “erro” continue no aluno, como se essa variação fosse despreocupada e não necessitasse de monitoramento para se encaixar em diferentes gêneros contextos que o indivíduo se coloca, como mostra o seguinte exemplo do livro:



(AMARAL [orgs], 2017, p. 138)

Na tirinha, o e-mail está sendo utilizado para exemplificar uma comunicação de ordem informal, em que, ao responder o e-mail, o sobrinho desconsidera a gramática e o monitoramento da sua escrita, por tratar o e-mail como uma ferramenta informal e de variação estilística. Logo abaixo o livro apresenta um enunciado:

É claro que, mesmo quando nos comunicamos em situações informais, podemos optar pelo uso da variedade culta, uma vez que essa variedade não significa falar/escrever “difícil”, com palavras pouco comuns e frases complexas; significa, sim, falar/escrever de acordo com as orientações da gramática normativa (AMARAL, 2017, p. 138).

O costume desse tipo de tratamento com as variedades causa confusões pedagógicas, ao fazer os alunos acreditarem que a variedade que segue a gramática normativa é a que escreve “corretamente”, no caso do que diz no livro, a *variedade culta formal*, e as outras

variedades se encaixam nas situações informais, em que são consideradas livres e despreocupadas com o monitoramento e a adequação do seu contexto situacional.

Bagno, em seu livro *Sete erros aos quatro ventos*, diferencia *variação social* de *variação estilística*, em que, respectivamente, uma está ligada as diferenças que a língua apresenta de acordo com as variáveis sociais, e a outra ligada ao uso da formalidade, as modulações individuais da produção verbal, dependendo do contexto de interação. (BAGNO, 2013). Ele confronta essa forma de tratamento da variação estilística, classificada erroneamente como uma variação despreocupada com as regras gramaticais, afirmando que essa visão apresenta uma desconsideração da variação estilística. Para Bagno, toda variação possui regras, ligando esse termo a “regularidades”, não a “normas” ou “leis”. Em outras palavras, a variação estilística diz respeito ao “estilo” do falante, que se utiliza de recursos linguísticos e de uma competência comunicativa para monitorar sua fala, que irá variar de acordo com seu grau de letramento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os preconceitos existentes em uma sociedade são desconstruídos através de conhecimento, sabendo disso, nós, como educadores, temos o poder de sermos agentes transformadores dessa sociedade, desconstruindo-os primeiramente em nós, em seguida repassando-os para nossos alunos.

As pesquisas feitas através da sociolinguística vêm, não apenas esclarecer, mas direcionar métodos de funcionamento de novas propostas de ensino escolar, que buscam trazer conteúdos renovadores e que refletem cada vez mais uma sociedade diversificada como a sociedade brasileira. Aprender a compreender essas diferenças dará aos nossos alunos um novo olhar de mundo e de convívio social. Oferecerá a eles a capacidade de entender o funcionamento da língua e possuir maior competência linguística, assim como perceber a importância da gramática normativa não apenas como um conjunto de normas e nomenclaturas, mas como regras que servem para a melhor compreensão de sentido dos enunciados.

Assim, após a conclusão desse trabalho esperamos deixar para os leitores a visão de que as mudanças, apesar de lentas, estão ocorrendo e a esperança de que poderemos ir caminhando para uma educação de cada vez mais qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Emilia. PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. LEITE, Ricardo Silva.

BARBOSA, Severino Antônio Moreira. **Coleção Novas Palavras - 1º ano**. 3 ed. São Paulo: FTD, 2016.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, pág. 71, 2005.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RIBEIRO V. J. **A variação linguística no ensino de língua portuguesa**. 2013.

Disponível em:

<<http://www.fn.de.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/escolha-pnld-2018> > Acesso em site 02.10.17 às 21:36